

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
CURSO LICENC. PLENA EM LETRAS-PORTUGUÊS

O DESAMOR NA OBRA *LIVRO DE MÁGOAS*, DE FLORBELA ESPANCA

REBECA MARIANA DOS SANTOS NASCIMENTO

Teresina (PI)
2024

REBECA MARIANA DOS SANTOS NASCIMENTO

O DESAMOR NA OBRA *LIVRO DE MÁGOAS*, DE FLORBELA ESPANCA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Letras Português.
Universidade Estadual do Piauí.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Algemira
Macedo Mendes

Teresina (PI)
2024

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que possibilitou e facilitou a minha caminhada até aqui.

Aos colegas de turma, que tornaram a caminhada mais leve e divertida.

À professora Joselita Izabel, que muito me inspira, pelas contribuições e à professora Algemira, por ter aceitado dar continuidade na orientação do meu trabalho.

Aos meus amigos e amor, que não me deixaram pensar que eu não era capaz.

Nos piores momentos, lembre-se: quem é capaz
de sofrer intensamente também pode ser capaz
de intensa alegria.

(Clarice Lispector)

RESUMO

Este trabalho analisa o tema do desamor na obra *Livro de Mágoas* da poetisa portuguesa Florbela Espanca, destacando como suas experiências pessoais e emocionais se refletem em sua poesia. A pesquisa examina um conjunto de poemas selecionados, abordando os principais elementos estilísticos e temáticos que caracterizam a abordagem de Espanca sobre o desamor, a solidão e o sofrimento amoroso. A partir de uma revisão bibliográfica em que inclui estudos críticos sobre a vida e a obra da poetisa e aporte teórico de José Régio e Maria Lúcia Dal Farra, o trabalho contextualiza a produção literária de Florbela Espanca. A análise poética foca nas expressões de melancolia, dor e desencanto presentes em seus versos, evidenciando como a poetisa transforma suas angústias pessoais em uma linguagem lírica intensa e profunda. O estudo conclui que o desamor na obra de Florbela Espanca não é apenas um tema recorrente, mas um elemento central que molda sua visão de mundo e sua poética. Sua escrita revela uma busca incessante por um amor idealizado, contrastada pela constante decepção e desilusão. Assim, a poesia de Espanca se torna um reflexo de sua luta interna e de seu complexo relacionamento com a própria existência e com o outro.

Palavras Chave: Desamor, Poetisa, Melancolia, introspecção.

RESUMEN

Este trabajo analiza el tema del desamor en la obra *Livro de Mágoas* de la poeta portuguesa Florbela Espanca, destacando cómo sus vivencias personales y emocionales se reflejan en su poesía. La investigación examina un conjunto de poemas seleccionados, abordando los principales elementos estilísticos y temáticos que caracterizan el enfoque de Espanca sobre el desamor, la soledad y el sufrimiento en el amor. A partir de una revisión bibliográfica que incluye estudios críticos sobre la vida y obra del poeta y aportes teóricos de José Régio y Maria Lúcia Dal Farra, la obra contextualiza la producción literaria de Florbela Espanca. El análisis poético se centra en las expresiones de melancolía, dolor y desencanto presentes en sus versos, destacando cómo la poeta transforma su angustia personal en un lenguaje lírico intenso y profundo. El estudio concluye que el desamor en la obra de Florbela Espanca no es sólo un tema recurrente, sino un elemento central que configura su cosmovisión y su poética. Sus escritos revelan una búsqueda incesante de un amor idealizado, contrastada por constantes decepciones y desilusiones. Así, la poesía de Espanca se convierte en un reflejo de su lucha interna y de su compleja relación con su propia existencia y con los demás.

Palabras llave: Desamor, Poeta, Melancolía, introspección.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FLORBELA ESPANCA E A SUA <i>VIA CRUCIS</i> PESSOAL	8
2.1 Contexto histórico e biográfico	10
3 A MAESTRIA DE ESPANCA NA ELABORAÇÃO DE SONETOS.....	18
3.1 A voz afinada e requintada de Florbela revelada pelos sonetos	20
4 O DESAMOR ENUNCIADO NA POÉTICA FLORBELIANA.....	27
4.1 O viés do desamor revelado pela tristeza que atravessa o <i>Livro de Mágoas</i>	30
 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 44
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

Com versos que falam de amor, sofrimento, saudade e solidão, Florbela Espanca escreve o primeiro poema aos 9 anos e, aos 25, publica o primeiro livro. Chamou-lhe "Livro de Mágoas" porque lá dentro já revelava tristezas da sua vida. Começa a fazer versos muito cedo, aos oito anos, quando “já as coisas da vida me davam vontade de chorar”. Desde menina, Florbela de Alma da Conceição Espanca vive de forma intensa e dramática. Serão sempre as emoções e os sentimentos a matéria da sua poesia, escrita intuitiva e reveladora do mais íntimo de si.

A poesia da poetisa é marcada por uma intensidade emocional profunda, na qual o tema do desamor surge com frequência, delineando grande parte de sua obra literária. Este trabalho de pesquisa propõe-se a explorar como o desamor se manifesta nos poemas de Florbela Espanca, investigando as nuances de como a poetisa portuguesa articula sentimentos de perda, rejeição e solidão através de sua escrita lírica. O presente trabalho dedica-se a uma análise detalhada do tema do desamor no “Livro de Mágoas”, primeira obra publicada por Florbela Espanca. Neste estudo, exploraremos como o desamor não apenas permeia os poemas do livro, mas também como se configura como um eixo central que revela aspectos críticos da condição humana na literatura do início do século XX.

Diante de algumas reflexões e observações sobre o objetivo desta pesquisa, será trabalhada a hipótese de que os dissabores que a vida lhe proporcionou no âmbito pessoal interferiram diretamente em suas poesias. A partir disso, trabalharemos com os objetivos de discutir como esses dissabores contribuíram para a melancolia presente em sua obra, identificar a presença do desamor em seus poemas na obra, Livro de Mágoas, e analisar a sua busca constante pela felicidade nunca alcançada.

A abordagem adotada envolve uma investigação bibliográfica exploratória da obra, “Livro de Mágoas”, a fim de responder os problemas e hipóteses tratados nesse trabalho de forma clara e concisa. Assim, a pesquisa será desenvolvida a partir da obra como objeto de análise, buscando entender a forma e a intensidade com que Florbela articula sua própria experiência e sensibilidade. Para tanto, utilizei como aporte teórico Maria Lúcia Dal Farra e José Régio, bem como várias contribuições presentes em artigos e websites.

Explorar o tema do desamor na obra de Florbela Espanca é de grande importância, pois permite uma análise aprofundada das emoções humanas e das complexidades das relações

amorosas. As poesias de Florbela são um mergulho no universo dos sentimentos, retratando suas angústias, tristezas e desilusões amorosas de forma intensa e genuína.

O desamor em sua obra nos possibilita compreender não apenas a dimensão autobiográfica da autora, mas também os padrões culturais e sociais que influenciaram suas experiências. Além disso, ao analisar como o desamor é expresso artisticamente, podemos enxergar a evolução da poesia enquanto meio de manifestação das emoções, contribuindo para uma compreensão mais ampla da literatura e de suas conexões com a condição humana.

O primeiro capítulo, intitulado “Florbela Espanca e sua Via Crucis pessoal”, apresenta o contexto histórico em que viveu a poetisa e sua biografia, relatando os dissabores que enfrentou. O capítulo seguinte, que tem como título “A maestria de Espanca na elaboração de sonetos” estabelece uma análise sobre como a autora expressa o desamor na elaboração de seus poemas. Por fim, o terceiro e último capítulo, denominado “O desamor evidenciado na poética florbeliana”, conta com a análise de poemas selecionados do Livro de Mágoas.

Pretende-se, portanto, identificar e discutir as diversas facetas do desamor expressas na obra, considerando o contexto cultural e pessoal da autora, para assim compreender melhor o impacto e a relevância de seu trabalho no panorama literário português. Este estudo visa não apenas aprofundar a compreensão do “Livro de Mágoas”, mas também valorizar a importância de Florbela Espanca como voz pioneira na expressão de sentimentos tão universais quanto pessoais em sua poesia.

2. FLORBELA ESPANCA E SUA *VIA CRUCIS* PESSOAL

Em 1934, dois anos após a morte de Florbela Espanca, Diogo de Macedo criou o busto que buscava eternizar a figura da poetisa. A escolha de Macedo para esta tarefa não foi aleatória: sua reputação como um dos escultores mais sensíveis e talentosos de Portugal fez dele a escolha ideal para capturar a alma de uma poetisa tão singular. A obra foi encomendada por um grupo de admiradores de Florbela, que desejavam honrar sua memória de uma forma duradoura e significativa.

Diogo de Macedo, um artista português proeminente no início do século XX, nascido em 1889, era conhecido por sua habilidade em captar a essência de suas figuras, seja através de estátuas de figuras históricas ou de personagens literários. Seu trabalho em representar Florbela Espanca é particularmente significativo, dada a complexidade e a intensidade da vida e obra da poetisa. O busto de Florbela carrega consigo uma história rica e cheia de nuances.

A obra, que apresenta Florbela Espanca em uma pose contemplativa e serena, reflete a profundidade de sua personalidade e o lirismo de sua poesia. É um retrato que combina realismo e uma certa idealização, características marcantes do estilo de Macedo. A escultura foi inaugurada na cidade de Vila Viçosa, terra natal de Florbela, onde permanece até hoje como um símbolo de sua contribuição para a literatura portuguesa.

Ao longo dos anos, o busto de Florbela Espanca se tornou um ponto de peregrinação para admiradores da poetisa e estudiosos de sua obra. Além de ser uma peça artística de grande valor, ele representa a reverência contínua por uma das vozes mais poderosas e melancólicas da poesia lusitana. O local onde o busto está instalado também serve como um espaço de reflexão sobre a vida e os escritos de Florbela, oferecendo aos visitantes uma conexão tangível com sua memória.

Diogo de Macedo, por sua vez, deixou um legado significativo na arte portuguesa, e sua obra sobre Florbela Espanca é frequentemente citada como uma de suas criações mais tocantes. Ele conseguiu, através do busto, imortalizar não apenas a imagem da poetisa, mas também a essência de sua alma poética, tornando-se uma ponte entre a sua vida breve e a eternidade da sua obra.

A instalação do busto em Vila Viçosa não foi livre de controvérsias e oposição. Diversos fatores contribuíram para a resistência ao busto, e essas vozes contrárias vieram de diferentes segmentos da sociedade. A vida pessoal de Florbela, marcada por diversos casamentos, amores não convencionais para a época, e sua trágica morte por suicídio, gerou bastante controvérsia. Alguns conservadores locais e membros da comunidade religiosa viam a poetisa como uma figura imoral, cuja vida e ações não mereciam ser celebradas publicamente. Para estes grupos, a ideia de erguer um busto em sua homenagem era vista como uma glorificação de comportamentos que eles consideravam inadequados.

Houve também figuras no meio literário e cultural que questionaram a importância de Florbela Espanca em comparação com outros poetas e escritores. Alguns críticos consideravam sua obra excessivamente emocional e pessoal, não se alinhando com os padrões literários mais valorizados na época. Esse segmento via a homenagem com certo ceticismo, acreditando que havia outros escritores mais “dignos” de tal reconhecimento.

Aconteceram debates sobre a qualidade artística e estética do busto criado por Diogo de Macedo. Alguns críticos de arte e escultores contemporâneos tiveram opiniões divergentes sobre a obra em si, seja pela interpretação de Macedo sobre Florbela Espanca ou por preferências estilísticas diferentes. Outro fato de sua vida usado como argumento contra a obra, foi ter sido registrada como “filha ilegítima”.

Tal afirmação foi usada para tentar interditar uma campanha liderada pelos opositores do salazarismo, dentre os quais se fazia presente todo o contingente feminista português, que elegera Florbela como a sua bandeira, sobretudo depois de o Estado Novo haver dissolvido suas diversas associações.

Apesar dessas resistências, o busto foi erigido e se tornou um símbolo importante da memória de Florbela Espanca. Com o passar do tempo, a oposição diminuiu, e a obra passou a ser amplamente aceita e celebrada, destacando a complexidade da recepção da figura de Florbela Espanca tanto em sua vida quanto postumamente. O busto, hoje, é um testemunho não apenas do talento literário da poetisa, mas também da evolução dos valores culturais e sociais em relação à sua obra e sua vida.

Em resumo, o busto de Florbela Espanca é muito mais do que uma simples escultura; é um tributo perene à sua vida e obra, uma peça central na preservação de sua memória e um exemplo brilhante do talento de Diogo de Macedo. A história por trás desta obra é uma confluência de talento artístico e admiração profunda, resultando em um monumento que continua a inspirar e emocionar gerações.

2.1 Contexto histórico e biográfico

Vila Viçosa é uma vila situada na região do Alentejo, no sul de Portugal, especificamente no distrito de Évora. Conhecida pelo seu rico patrimônio histórico e cultural, Vila Viçosa é frequentemente referida como a "Princesa do Alentejo". Lá, no dia 08 de dezembro de 1894, nasceu Florbela d'Alma da Conceição Espanca, filha de Antônia da Conceição Lobo e João Maria Espanca, casado na época com Maria do Carmo Ingleza. O nome se explica pelo temperamento do pai, sujeito anarquista, que foi perseguido como republicano já no tempo da monarquia, um dos introdutores do cinematógrafo em Portugal, autodidata apaixonado pela fotografia e pela pintura, homem de mente aberta e sem os preconceitos que, neste período, norteiam um Portugal pudico e de falsa moral.

Filha ilegítima da relação de João com sua mãe, Florbela foi registrada na Igreja de Nossa Senhora da Conceição como 'filha ilegítima de pai incógnito', sendo oficialmente reconhecida pelo pai apenas 19 anos após sua morte. Apesar das circunstâncias familiares complexas, Florbela foi criada pelo pai e pela madrastra, que era também sua madrinha. Igual procedimento teve João Maria com Apeles, único irmão da poetisa, filha da mesma mãe e do mesmo pai, nascido em 10 de março de 1897, também registrado como 'filho ilegítimo de pai incógnito'.

Em 1899, aos cinco anos, Florbela entra para o curso primário. Desde muito cedo fica claro a precocidade e preferência por temas sombrios e melancólicos, em 1903, aos nove anos, escreve seu primeiro poema, intitulado 'A vida e morte'. Em 1908, faleceu sua mãe, Antônia Conceição Lobo. Florbela então ingressou no Liceu de Évora, onde permaneceu até 1912. Foi uma das primeiras mulheres a ingressar no curso secundário, fato que não era bem visto pela sociedade e pelos professores do Liceu.

Mesmo diante disso, ela recebeu uma educação formal incomum para as mulheres de sua época, estudando em escolas de prestígio e mais tarde ingressando na Universidade de Lisboa. Essa formação acadêmica rara para mulheres de seu tempo reflete sua persistência e vontade de transcender os limites impostos ao gênero. No ano de 1913, com 19 anos, Florbela casa-se pela primeira vez com Alberto Moutinho, colega de estudos. O casal viveu em Redondo até 1915, quando decidiram regressar para Évora devido a dificuldades financeiras, passando a morar na casa de seu pai, João Maria Espanca.

Desde cedo, Florbela demonstrou uma sensibilidade poética incomum, aliada a uma vida marcada por desafios pessoais e uma busca constante por amor e aceitação. Quando retornou para Redondo, em 1916, a poetisa reuniu uma seleção de suas produções poéticas e inaugurou o projeto Trocando Olhares, uma coletânea de 88 poemas e três contos. O caderno que deu origem ao projeto encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa, contendo uma profusão de poemas, rabiscos e anotações que se tornaram o ponto de partida para suas duas antologias, onde os poemas, já devidamente esclarecidos, compõem o *Livro de Mágoas* e o *Livro de Sóror Saudade*.

Regressando para Évora em 1917, a poetisa completou o Curso Complementar de Letras e logo após ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Após um aborto involuntário, se mudou para Quelfes, onde apresentou os primeiros sinais de neurose. Seu primeiro casamento se desfez pouco tempo depois.

Sua carreira literária começou cedo, com a publicação de seu primeiro livro, "Livro de Mágoas", em 1919. No mesmo ano, passa a viver com Antônio Guimarães, com quem casou-se pela segunda vez, em 1921. Logo após, Florbela começou a trabalhar em um novo projeto que inicialmente se chamaria *Livro do Nosso Amor* ou *Claustro de Quimeras* e que por fim, tornou-se o *Livro de Sóror Saudade*, publicado em janeiro de 1923.

Ambas as obras são ricas em lirismo e exploram os sentimentos de tristeza e saudade, tão presentes em sua vida pessoal. Florbela diferenciava-se por seu estilo altamente emotivo e pessoal, que se distanciava das normas literárias masculinas e dominantes da época.

Após mais um aborto, separou-se pela segunda vez. Isso fez com que sua família deixasse de falar com ela por quase dois anos, situação que a deixou muito abalada. Em 1925, casa-se pela terceira e última vez, com Mário Lage, e passa a morar com ele, inicialmente em Esmoriz e depois na casa dos pais de Mário em Matosinhos, no Porto. Florbela então passa a colaborar no seminário "D. Nuno" em Vila Viçosa, com os poemas que compõem seu próximo livro, *Charneca em Flor*, e informa sobre a preparação de um livro de contos, provavelmente *O Dominó Preto*.

Um ponto de grande importância na trajetória de Florbela que é bastante comentado até hoje por críticos e estudiosos da poetisa é a relação com Apeles, seu irmão. Aos olhos de

alguns de seus contemporâneos e principalmente de seus antipatizantes, Florbela mantinha uma relação de caráter incestuoso com o irmão, fato esse que nunca foi comprovado.

Apeles, era de fato, muito próximo da irmã, talvez representasse o elo com a infância, e se tornou um forte ponto de apoio da poetisa. Como prova disso, transcrevo abaixo a carta enviada por Florbela ao irmão, informando-o de sua decisão de separar-se de Antônio Guimarães, seu segundo marido e passar a viver com o médico Mário Pereira Lage.

Carta de Florbela ao irmão Apeles, em 29 de dezembro de 1923, conforme carimbo do correio:

Meu querido irmão

Certamente te irá surpreender e penalizar a minha carta, mas entendo que é melhor dizer-te eu própria tudo o que há de novidade, em vez de deixar que aos teus ouvidos cheguem malevolências que te podem dar de mim uma ideia errada e injusta. Eu deixei que tivesses da minha vida uma certeza de felicidade que ela de forma alguma possuía, nunca me ouviste uma queixa, nunca ninguém me viu uma lágrima, no entanto minha vida de há dois anos foi um calvário que me dá direito a ter razão e a não me envergonhar de mim. Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças, mais um dia chegou em que eu me lembrei da vida que passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem cobardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da minha vida, e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa. Estou a divorciar-me e para me casar novamente, se a lei o permitir, ou para viver assim, se a moralidade do código o existir. Dois anos lutei em vão para fugir de um amor que estava a encher-me de toda, e este que encontrei agora orgulho-me dele pois é um ser único, como eu esperava encontrar, enfim, na vida. Tudo quanto me digas não é a décima parte do que eu meu tenho dito. Pensei na sociedade, pensei na família, nos amigos, e principalmente em ti, mas que queres? Eu não podia sacrificar-me a isso tudo que é muito, mas que nada é comparado a isto que eu sinto e que eu antes queria morrer do que perder.

Por isso não me digas nada, para quê?

Pensa de mim o que quiseres, que eu estou disposta a aceitar tudo com tanto que uns olhos me vejam sempre a melhor, a única entre todas as outras.

Que importa o resto?

E para ti serei sempre a mesma, a irmã muito amiga de quem podes dispor em toda a minha vida; para os outros morri; que me enterrem em paz, que não pensem mais em mim e é tudo o que eu desejo.

Gostava de saber de ti, mas se tu não quiseres mais lembrar-te que eu existo, adeus até um dia que tu queiras, pois serei sempre a mesma, a tua Bela.

Em 1927, Apeles, então primeiro-tenente da Marinha portuguesa, decide se matricular no curso de piloto aviador. A vida de Florbela entrou em pânico e desequilíbrio quando, em 6 de junho, seu irmão sofreu um grave acidente e faleceu devido à queda do hidroavião que pilotava no Rio Tejo. Esse violento golpe agravou a doença de Florbela, que entrou em uma fase de profunda depressão, chegando a tentar o suicídio três vezes em um curto período. A partir de então, passou a escrever apenas alguns poemas em memória do irmão, como o citado abaixo, além do conjunto de contos ‘As máscaras do destino’, publicado postumamente em 1931.

Voo quebrado - (homenagem a Apeles)

Não tenhas medo, não! Tranquilamente,

Como adormece a noite pelo outono,

Fecha os olhos, simples, docemente

Como a tarde uma pomba que tem sono...

Em junho de 1930, a poetisa recuperou um pouco do entusiasmo ao ser contatada pelo professor italiano Guido Batteli, interessado em publicar um livro de poesias, que acabou recebendo postumamente o nome de “Charneca em Flor”. Com o ânimo melhorado, Florbela passou a colaborar na revista *Portugal Feminino e Civilização*.

Pouco tempo depois, no entanto, Florbela foi diagnosticada com um edema pulmonar, o que a fez perder ainda mais a vontade de viver. Em sua quarta tentativa de suicídio, ingerindo dois frascos do barbitúrico Veronal, não resistiu. Faleceu em Matosinhos no dia de seu aniversário, às duas horas do dia 8 de dezembro de 1930, aos 36 anos de idade.

Em seu diário, seis dias antes de sua morte, deixou registradas as palavras: “e não haver gestos novos nem palavras novas!”. Como se pode inferir dessa frase, para Florbela, tudo estava esgotado, até mesmo as palavras. O amor, a fonte de sua poesia, também havia secado, como

uma árvore abandonada. A poetisa deixou uma carta confidencial com suas últimas disposições, incluindo o pedido de colocar junto ao seu caixão os restos do avião pilotado por Apeles. Desde 17 de maio de 1964, seu corpo está no cemitério de Vila Viçosa, sua terra natal.

Diante disso, pode-se inferir que a dor presente nos seus inscritos era também componente de sua vida. Florbela casou-se três vezes, e cada união parece ter sido marcada por uma mistura de profundo amor e profunda decepção. Esses relacionamentos foram fonte de inspiração, mas também de sofrimento para a poetisa. Tais fatos, junto a tantos outros, são suficientes para justificar a má-fama que a acompanhou e muito a maltratou ao longo de sua vida. Pois, apesar de seu talento, Florbela enfrentou muitos obstáculos em sua carreira literária, incluindo o preconceito de gênero e a falta de reconhecimento crítico durante sua vida. Viveu um grande período de não reconhecimento de suas produções literárias.

Entre as inúmeras calúnias sofridas em vida e após ela, podemos destacar o caso de Álvaro Madureira, autor de um livro publicado em 1994, no Porto, intitulado *A dor*, onde o autor afiança que a poetisa era uma ‘verdadeira insaciável’ e que, por isso, usava ‘estupefacientes sobre estupefacientes, narcóticos sobre narcóticos’. Dessa forma, ‘cada vez mais sentia menos gosto de viver, porque o prazer excessivo embota a sensibilidade, causa tédio de si mesmo’. Sobre os estupefacientes, é sabido que Florbela apenas fumava, e depois da morte do irmão passou a usar veronal para dormir, receitado pelo próprio marido, que era médico.

Continuando a sugerir suas sérias patologias sem levar em conta o ambiente desfavorável onde Florbela nasceu e viveu, além de destacar sua tumultuada vida amorosa, que, conforme Madureira, mostra uma "exaltação mórbida" e uma "quase loucura sentimental", ele chega à conclusão de que:

Florbela foi sozinha, porque talvez não lhe surgiu alguém que a conhecesse e amparasse, porque, especialmente, os seus nervos, o seu orgulho, a sua volubilidade, a louca esperança de encontrar, neste mundo, a pátria da felicidade, a iam fazendo, tristemente, cada vez mais intolerável aos outros e a si mesma. (Madureira, p. 158, 1948)

Outra injustiça sofrida ainda em vida foi o não reconhecimento de sua obra literária, a ausência de comentários de Fernando Pessoa, grande poeta e contemporâneo da poetisa, sobre as suas obras pode ser vista como resultado de contextos literários, estilísticos e pessoais distintos. Embora possa parecer uma lacuna na história literária.

Fernando Pessoa estava intimamente ligado a movimentos literários como o Modernismo e foi uma figura central em publicações como a revista “Orpheu”. Sua obra refletia um profundo engajamento com questões filosóficas, metafísicas e uma experimentação formal e estilística. Os círculos em que se movimentava eram compostos por outros escritores modernistas e futuristas, como Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros.

Florbela não estava associada a esses mesmos movimentos ou círculos literários. Sua poesia, mais lírica e emocional, diferia das tendências modernistas mais vanguardistas de Pessoa e seus contemporâneos. Florbela também lutou por reconhecimento em um ambiente literário dominado por homens, o que pode ter dificultado a interação direta com figuras como Pessoa.

No início do século XX, Portugal era uma sociedade conservadora e patriarcal, onde as expectativas em relação ao papel da mulher eram limitadas ao âmbito doméstico. A poesia de Florbela, marcada por uma forte expressão de desejo, paixão e sofrimento, desafiava essas normas sociais, o que pode ter contribuído para uma recepção mais crítica ou até mesmo hostil.

O campo literário em Portugal era predominantemente masculino. A obra de Florbela, focada em temas considerados “femininos”, como o amor e a introspecção emocional, foi frequentemente desvalorizada pelos críticos da época, que privilegiavam estilos e temas considerados mais “viris” ou intelectualmente desafiadores.

A poesia de Florbela Espanca é profundamente lírica e pessoal, explorando emoções intensas e complexas. Esse estilo, embora apreciado por muitos leitores, foi por vezes considerado excessivamente sentimental pelos críticos contemporâneos, que poderiam ter preferido as vanguardas modernistas que enfatizavam a experimentação formal e a inovação estilística.

Florbela também enfrentou problemas de saúde mental, que hoje podem ser reconhecidos como depressão e outros transtornos. Na época, isso pode ter afetado

negativamente sua produtividade literária e a forma como sua obra era percebida, tanto pelos críticos quanto pelo público.

Após sua morte, a obra de Florbela passou por uma redescoberta e começou a ser mais amplamente apreciada. O reconhecimento póstumo é um fenômeno comum na literatura, onde a distância temporal permite uma reavaliação mais justa e objetiva da contribuição de um autor.

A partir da segunda metade do século XX, a obra de Florbela começou a ser objeto de estudos acadêmicos mais sérios, que destacaram a profundidade e a originalidade de sua poesia. Seu estilo único e a coragem de sua expressão emocional passaram a ser vistos como valiosos e inovadores.

Hoje, Florbela Espanca é reconhecida como uma das grandes vozes da poesia portuguesa. Seu trabalho é celebrado por sua intensidade emocional e sua capacidade de capturar a complexidade da experiência humana. Sua poesia continua a influenciar escritores e poetas contemporâneos, e sua vida e obra são frequentemente estudadas em currículos literários em Portugal e além.

A falta de reconhecimento literário que Florbela Espanca sofreu durante sua vida pode ser atribuída a uma combinação de fatores sociais, culturais, literários e pessoais. No entanto, o reconhecimento póstumo de sua obra destaca a qualidade e a importância de sua contribuição para a literatura portuguesa. Florbela Espanca é agora reverenciada como uma poetisa que desafiou as normas de seu tempo e cuja obra continua a ressoar com leitores e críticos.

Mas não se pode deixar de destacar as dificuldades que Florbela sofreu apenas por ser mulher. Ou seja, pelo fato de ser do gênero feminino, o território literário português, majoritariamente masculino, a excluiu. Em relação a essa situação, Soares 2008 afirma que:

Na década de 20, a mulher que ousasse abordar o erotismo no seu discurso seria considerada imoral, ``porque as mulheres não deviam falar nesse tom``. Florbela ousou erotizar seu discurso literário, por isso não é de se estranhar as críticas que recebeu e a crucificação a que foi submetida em sua época. Hoje, não são raros os críticos que a consideram uma heroína, uma precursora, um mito, a mesma Florbela considerada por seus contemporâneos como devassa,

e todos os termos pejorativos e degradantes possíveis e imagináveis de uma sociedade que se considerava paladina da moral. (Soares, p. 51, 2008)

Reforçando a dificuldade que uma mulher encontrava para conseguir divulgar não só textos em geral, mas também textos que abordassem temas considerados tabus para a época. Além de que a sociedade rigorosamente crítica e marcada na literatura, em sua maioria por homens, recebesse a escritora com críticas machistas. No entanto, ela perseverou, e sua obra continua a ser celebrada por sua profundidade emocional e sua capacidade de expressar as complexidades do espírito humano.

Infelizmente, a vida de Florbela foi tragicamente curta. Ela lutou contra a depressão durante muitos anos e, após várias tentativas falhadas, conseguiu tirar a própria vida no dia de seu aniversário de 36 anos, em 8 de dezembro de 1930. A morte precoce de Florbela Espanca apenas acrescenta uma camada de melancolia à sua poesia, que continua a ressoar com leitores por todo o mundo, tornando-a uma das figuras mais enigmáticas e tocantes da literatura portuguesa, e permanece ressoando até os dias atuais.

3. A MAESTRIA DE ESPANCA NA ELABORAÇÃO DE SONETOS

Florbela Espanca, poetisa portuguesa do início do século XX, é conhecida por sua poesia profundamente emotiva e introspectiva. Sua obra é marcada pela exploração de grandes e variadas emoções, incluindo temas como o amor, a solidão, o desamor e a melancolia.

Florbela foi uma das primeiras autoras a abordar abertamente questões femininas e os desafios emocionais das mulheres na época. Sua poesia é caracterizada por um estilo simbolista e romântico, com uma linguagem rica em metáforas e imagens poéticas. Sua escrita foi fundamental para a evolução da poesia lírica em Portugal, e ela é considerada uma das vozes mais importantes da literatura portuguesa do século XX.

Para José Régio, um importante poeta e escritor português do século XX, e um dos responsáveis por trazer o reconhecimento à obra dela, especialmente após a sua morte, a poesia

de Florbela são os melhores exemplos de poesia “viva”, “toda ela nasce, vibra, se alimenta do muito real caso humano da autora; do seu porventura demasiado real caso humano” (1980, p.170).

No que diz respeito ao termo “literatura viva”, nas palavras de José Régio, a literatura viva:

É aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e por isso mesmo passa a viver de vida própria. Sendo esse artista um homem superior pela sua sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que ele produz será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço. (1980, p.171)

O autor ainda afirma que, no que diz respeito aos textos de Florbela, sua poesia é “tanto quanto direta”, pois ela viveu o próprio conteúdo de seus versos, a depressão e a exaltação. Tanto que, segundo ele, atingiram grande expressão na poesia, o que fora essencial para que causasse tamanho impacto além de ser o motivo de diferenciação.

Da originalidade, força, comunicabilidade e fundura que deu ela a tantas de suas expansões e confissões - originalidade, força, comunicabilidade, só fundura, que exteriormente poderão ser imitadas - vem ao leitor a íntima convicção de haver ela vivido o que diz, sentido o que exprime. Convencido que, já o leitor parte de tal certeza - a existência de um real caso humano - para explicar e até interpretar a expressão literária que lhe é dada. (RÉGIO, p. 173, 1980)

Régio (1980) atribuiu, ainda, à poesia de Florbela, algumas características, tais como: a impessoalidade ou dispersão, a necessidade de coexistência de muitas em uma só pessoa, a sensação de não poder reduzir-se a um só. Sendo estas algumas evidências que dão convencimento da máxima relação do caso humano com a obra dela.

Ainda para José Régio:

A obra de Florbela é a expressão poética de um caso humano. Decerto para infelicidade da sua vida terrena, mas glória de seu nome e glória da poesia portuguesa. Florbela viveu a fundo esses estados quer de depressão, quer de exaltação, quer de concentrações em si mesma, quer de dispersão em tudo, que

na sua poesia atinge tão vibrante expressão. Mulheres com talento vocabulário e métrico para talharem um soneto como quem talha um vestido; ou bordar em imagens como quem borda a miçanga; ou (o que é ainda menos agradável) se dilataram em ondas de verbalismo como quem se espreguiça por nada ter o que fazer, quer dizer – naturalmente as houve, e há, antes e depois da vida de Florbela. (...) Também, decerto, apareceram na nossa poesia autênticas poetisas, antes e depois de Florbela. Nenhuma, porém, até hoje, viveu tão a sério um caso tão excepcional e, ao mesmo tempo, tão significativamente humano. Jorge de Sena dirá: tão feminino (RÉGIO, p.123, 1980).

A busca pela felicidade presente na obra de Florbela não se restringe ao questionamento da condição feminina, embora este seja um dos pontos centrais da poética florbeliana. O tecer de seus poemas, afirma Fábio Mário da Silva (2009, p. 96), “ultrapassa esse indignar-se, buscando uma condição de existencialidade, a partir de seus sentimentos e da visão de seu mundo”.

Em muitos poemas, as reflexões do eu lírico ultrapassam a questão do gênero e expressam a crise do sujeito moderno, cuja ausência de felicidade resulta no conflito consigo próprio e com o mundo, que se lhe apresenta esfacelado, sem sentido.

3.1 A voz afinada e requintada de Florbela Espanca revelada pelos sonetos

José Régio admitiu timidamente que só começou a conhecer a obra de sua compatriota Florbela Espanca quando esta já era reconhecida pelo público. Ele acreditava que teria notado a vitalidade de sua poesia se a tivesse descoberto antes. “Sua poesia se destaca como um exemplo vibrante de poesia viva”, afirmou.

O poeta ainda pontua que a poesia de Florbela expressa profundamente as experiências humanas, alternando entre depressão e exaltação, introspecção e despersonalização, o que trouxe infelicidade à sua vida pessoal, mas grandeza ao seu legado e à poesia portuguesa. Florbela Espanca escreveu versos que transmitem uma contínua insatisfação e inquietação, características que são marcantes e inevitáveis em sua leitura.

O estilo de escrita da poetisa é marcado por uma intensa expressão emocional, caracterizada por uma profunda sensibilidade e uma abordagem lírica e introspectiva. Suas obras muitas vezes exploram temas como o amor, a solidão, a morte e a melancolia, e são escritas com uma linguagem poética e melodiosa. Espanca também é conhecida por sua

habilidade em transmitir sentimentos de angústia e desespero, ao mesmo tempo em que revela uma profunda busca por significado e transcendência. Sua escrita é frequentemente associada a um certo tom de tristeza e desesperança, mas também é reconhecida por sua beleza e poder emocional.

Florbela Espanca é conhecida por sua maestria na criação de sonetos, uma forma poética clássica que requer habilidade técnica e criatividade. Ela foi uma das principais poetisas da língua portuguesa do século XX e deixou um legado significativo nesse gênero. Os sonetos de Florbela são caracterizados por uma estrutura métrica e rítmica rigorosa, geralmente compostos por 14 versos divididos em dois quartetos e dois tercetos. Essa estrutura é desafiadora, pois impõe limitações ao poeta, que deve expressar suas ideias e emoções dentro desses parâmetros pré-fixados.

A poetisa utilizava uma linguagem poética sofisticada para explorar esses temas de forma profunda e emotiva, muitas vezes revelando sua própria vulnerabilidade e angústia emocional. Além disso, os sonetos de Florbela Espanca são marcados por uma musicalidade cativante e uma riqueza de imagens e metáforas, que contribuem para a sua beleza estética e impacto emocional. Sua habilidade em combinar forma e conteúdo de maneira potente torna seus sonetos admirados até os dias de hoje.

De acordo com Tavares, o Decadentismo Português surgiu por volta de 1880, motivado pelas críticas de Paul Bourget à poética de Baudelaire, onde Bourget descrevia como decadentes as obras que apresentavam aspectos mórbidos e um misticismo pervertido. Essa herança é claramente visível na obra de Florbela, que reflete os valores culturais do início do século e apresenta características simbolistas. No entanto, sem um contato mais próximo com as tendências da época, essa obra permaneceu alheia às revoluções do Modernismo Português, representadas pelo Orfismo e, mais tarde, pelo Presencismo.

Segundo Antônio José Saraiva, historiador literário português:

O simbolismo constitui uma corrente importada e pouco definida entre os portugueses. Os temas do sonho evasivo, da intuição vidente, da Mística oculta e os textos cheios de símbolos, de sinestesias, tenderam a diluir-se entre os diversos ramos literários da época, em uma sociedade ainda muito agrária, cuja Proclamação da República ocorrera em 1910, com uma bifurcação de Correntes: passadistas como neogarretismo, lusitanismo, nacionalismo e

integralismo; e por outro lado a Renascença portuguesa e o saudosismo (Saraiva, 1996, p. 960).

Ainda Segundo Saraiva, Florbela Espanca destaca-se como uma das personalidades líricas mais notáveis e isoladas, devido à intensidade de seu erotismo feminino emocional. Sua obra apresenta um carácter muito pessoal e se diferencia dos grandes escritores portugueses de sua época, como Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro (com quem tem maior afinidade), e José Régio, entre outros.

Para Saraiva e Oscar Lopes (2005), a poetisa desenvolveu uma obra tanto poética quanto prosaica que dificilmente se enquadra numa única corrente literária, seja uma corrente dominante no seu tempo ou anterior. E, a poetisa soube construir uma linguagem muito própria, quase uma mitologia lírica, segundo a crítica. Os escritos de Espanca, literário/poética não possuem um reconhecimento explícito de enquadramento a um período literário específico que garante as características de sua escrita um rótulo literário como Machado de Assis possui na Literatura Brasileira, sendo enquadrado no Realismo.

Entretanto, é possível inferir que a escrita de Florbela evidencia traços e influências de diversas linhas literárias que fazem intersecção com o século XIX, mesmo acusando proximidades similares referentes à estética do século seguinte, o século XX. Entende-se, a propósito, que grande parte das particularidades da obra contempla o fato de a sua estética literária se enraizar no cruzamento de várias tendências do lirismo do século passado, como: Neo-romantismo, Ultra-romantismo sepulcral, Pessimismo, Parnasianismo e Simbolismo (Saraiva e Lopes, 2005).

Florbela viveu em um período de grandes transformações sociais, como a queda da monarquia e a ascensão da República, que trouxeram grandes frustrações ao povo português diante das mudanças em sua história. Gradualmente, a ditadura salazarista se instaurou, desorientando os intelectuais do país. Segundo Dal Farra:

Florbela Espanca publicou em vida apenas dois volumes de poesia, O Livro de Mágoas, em 1919 e O Livro de Sórora Saudade, em 1923. Quando escreve este último, a poetisa portuguesa já tem consolidado a sua “dicção própria”, por assim dizer, que chegará ao seu ponto mais alto em “Charneca em flor” e

“Reliquiae” (obras póstumas), onde seus poemas atingem elevada por expressiva e uma enorme força comunicativa.

A vida de Florbela Espanca foi detalhadamente biografada em diversos textos, abordando desde sua infância até seus casamentos, com ênfase em suas neuroses e desajustes sociais, evidenciando como ela foi empurrada para a obscuridade. Segundo Dal Farra, Florbela ganhou notoriedade após sua morte devido ao escândalo que sua obra e biografia causaram entre os salazaristas, defensores da moralidade: “num contexto social onde sobressai a moral pudibunda, impera o nariz torcido do bom comportamento salazarista”.

Mesmo antes disso, quando seu segundo livro foi publicado, já com menor repercussão, Florbela enfrentava a aversão desses leitores, devido ao modelo de mulher que seus versos apresentavam, desafiando os rígidos padrões morais da época. Em 1923, o jornal *A Época* publicou uma crítica dirigida a ela, sugerindo que "purificasse com carvão ardente" seus lábios, considerados manchados, e que "pedisse perdão a Deus" pelo mau uso de seus talentos.

Para Dal Farra (1999), a relutância em aceitar a obra de Florbela Espanca também se deve a fatores regionais que refletem mitos alentejanos. Seu nome está associado a questões do feminino na sociedade, como a espera pelo príncipe encantado: uma mulher aprisionada em si mesma. Dividida entre ser monja e amante, ela vive à mercê da dominação masculina, o que revela o vazio da identidade feminina.

Outra característica marcante da obra de Florbela é a dispersão. Segundo Dal Farra (1999), essa mulher confusa e atormentada é a Princesa Desalento, Maria das quimeras, Sórór Saudade. Ela é a Castelã da Tristeza, cujas imagens oscilam entre anjo e demônio, de Diana, a caçadora, a Vênus, a sedutora, sem se decidir por uma só.

Florbela revela em sua obra que a identidade feminina está em aberto, é um lugar vazio, pois sofre o feitiço da nomeação masculina. Sua identidade deriva do homem, do príncipe encantado tão esperado, transformado num Dom Sebastião a romper as brumas do tempo. Florbela é como Inês*¹, que foi rainha somente após a morte.

¹ Inês de Castro foi uma nobre galega do século XIV que se tornou uma figura histórica e lendária em Portugal.

Durante a vida, foi quase completamente ignorada pelo público e pela crítica, sendo compreendida apenas por alguns contemporâneos: Américo Durão, Botto de Carvalho, Raul Proença, Madame Carvalho, Júlia Alves e, em 1930, Guido Battelli, que visitou a Universidade de Coimbra e se ofereceu para publicar suas últimas produções, encantado com as versões que publicara na Itália de alguns de seus poemas.

Assim como Jorge de Sena, José Régio (1998, p. 11-12) também se dedica à obra de Florbela, atribuindo-lhe o título de "poesia viva" e reconhecendo-a como "superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço". Ele abre caminho para análises que exploram a complexidade literária da produção da poetisa. José Régio também identifica uma espécie de crise de identidade do sujeito lírico florbeliano, o que a aproxima dos modernistas, especialmente de Mário de Sá Carneiro.

Dal Farra (1996, p.18), também nota que os caminhos poético-amorosos escolhidos por Florbela “têm a inclinação de questionar os papéis culturais atribuídos à mulher como normas do pacto social. E, da forma como são explorados em sua poesia a partir do Livro de Mágoas, tendem a se configurar como uma perspicaz busca de identidade”.

A incapacidade do sujeito poético florbeliano de aceitar o papel tradicionalmente atribuído a ele leva a uma busca constante por identidade e autoconhecimento. No entanto, este sujeito lírico, que não encontra conforto na identidade imposta pela sociedade, também não consegue se fixar em uma imagem única e definitiva. Assim, Florbela encontra na sua arte literária um meio de reinventar a si mesma. Segundo Haquira Osakabe (2003, p. 13-14), ela faz isso "criando-se figura de uma grande convenção que é o teatro, dentro do qual seus sonetos, contos e até seu diário são peças de autocaracterização".

Renata Junqueira (2003, p. 18) destaca o aspecto teatral da obra de Florbela, evidenciado pela adoção de várias máscaras, como uma característica que a aproxima de autores contemporâneos como Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros.

A pesquisadora enfatiza a ligação da obra de Florbela com o modernismo:

Ela é conhecida principalmente por sua trágica história de amor com Pedro I de Portugal. A mando do rei Afonso IV Inês foi morta, provocando revolta em Pedro I, que quando se tornou rei segundo a lenda, exumou o corpo de Inês e a coroou rainha postumamente.

E uma análise cuidadosa do aparato de máscaras, das poses e dos artifícios retóricos na obra de Florbela pode mostrar que tanto a sua poesia quanto a sua prosa se revestem daquela mesma teatralidade que constitui uma das mais importantes características dos movimentos de vanguarda no princípio do século XX (Junqueira, 2003, p. 18).

Ainda segundo Junqueira (2003, p. 18), era a atitude esteticista de Florbela, “que tende a louvar tudo o que seja ostensivamente *factício*”, o que a permite colocá-la ao lado dos modernistas. E continua, “toda a escrita de Florbela revela-se-nos, enfim, de uma teatralidade que se realiza na pintura de seres e objetos deliberadamente artificiais, visivelmente estereotipados, produtos de uma habilidade da linguagem”.

Dal Farra (2007, p. 42) define como uma “faculdade de divisão interna simultânea que, de propósito, ilumina e justifica a imagem que Florbela construiu para si mesma no transcorrer da sua poesia”. A autora ainda observa que, é da incapacidade de transmutar em palavras o sentimento, que Espanca providencia a sua estética, a sua força de criação.

Por fim, Dal Farra conclui que:

Uma dor de tal natureza, antes exalta e alevanta, que derruba e aniquila, tal como a própria poetisa atesta. Ela é estímulo e *élan* para a criação literária, recusa à apatia e à passividade da depressão. Falo aqui de uma melancolia produtiva, de uma tristeza que desafia a indiferença e a abulia. Daí que a dor de ser mulher seja, heralamicamente, para Florbela, o seu brasão, a sua bandeira de guerra (Dal Farra, 1997).

Florbela vai empregar uma linguagem rica e expressiva, cheia de metáforas e imagens poéticas que evocam fortes emoções. Sua escrita reflete uma sensibilidade aguda e uma paixão intensa pela vida e pelo amor, ao mesmo tempo em que revela uma profunda melancolia e desejo de transcendência.

Embora Espanca escrevesse dentro da tradição do soneto, uma forma poética clássica, ela inovou ao infundir essa estrutura rígida com uma subjetividade e um emocionalismo que eram bastante modernos para sua época. Seu uso do soneto é frequentemente considerado um dos pontos altos de sua obra, combinando a precisão formal com uma intensidade emocional rara.

A obra de Espanca é também celebrada por seu enfoque na experiência feminina. Ela explora a identidade, a sensualidade e os conflitos internos das mulheres com uma franqueza e um vigor que eram inovadores para sua época. Essa perspectiva feminina distintiva faz dela uma precursora do movimento feminista na literatura.

É fato, que durante sua vida, Florbela Espanca não recebeu o reconhecimento merecido, mas após sua morte, sua obra ganhou uma apreciação crescente. Críticos e estudiosos têm elogiado a profundidade psicológica e a originalidade de sua poesia. Muitos veem em sua obra uma combinação única de romantismo e modernismo, que continua a ressoar com leitores contemporâneos.

A obra da poetisa influenciou profundamente a literatura portuguesa, especialmente a poesia. Poetas e escritores posteriores a ela têm reconhecido sua contribuição para a expressão emocional e a introspecção na literatura. Sua influência pode ser vista na forma como os temas de amor e sofrimento são abordados com uma honestidade brutal e uma beleza lírica.

Em Florbela, de acordo com Madalena Alexandre:

Há um processo de autoconhecimento que resulta numa busca infrutífera. De tal modo que o sujeito poético revela a sua incapacidade para se conhecer, tudo nele é um extenso desfazimento. Deusa e pedinte, Florbela é uma poeta de extremos e, talvez por isso, afastada dos grandes círculos de estudos atuais. Entretanto, ao que cremos essa busca infrutífera consiste, nessa poetisa, na crítica do sujeito soberano e legitimador das representações ordeiras da modernidade. O paroxismo que alicerça a sua poesia dá conta do eterno conflito da existência com um quadro de coisas sombrias a precipitar-se num abismo. Caos e melancolia, eis o que se enuncia na poesia de Florbela Espanca (Alexandre, 1997).

Cláudia Pazos Alonso (1997) analisa as imagens que Florbela constrói de si ao longo de sua poética. Mostra-nos como Florbela se defrontou como mulher escritora e como conseguiu, no primeiro quartel do século XX, subverter a imagem tradicional da mulher na sociedade portuguesa. Pertinho de tal contexto, a autora considera que Florbela deve se lida com a sua dupla identidade de mulher e de escritora, o amor, temática recorrente de sua poesia, como forma de autoafirmação, através do qual os estereótipos tradicionais podem ser subvertidos e vistos como emancipação feminina.

É inegável que Florbela Espanca é uma das mais importantes e singulares vozes da literatura portuguesa. Sua obra, marcada por uma intensa carga emocional e lírica, é significativa por várias razões, ela é reconhecida por explorar temas ligados à condição feminina com uma profundidade inédita em sua época. Seus poemas frequentemente abordam sentimentos de desejo, amor, sofrimento e saudade, refletindo a complexidade da experiência feminina.

Embora muitos de seus poemas sejam autobiográficos, tratando de suas próprias angústias e paixões, Florbela aborda temas universais como o amor, a morte, a solidão e o sentido da vida. Isso faz com que sua obra bem recebida seja por leitores de diversas épocas e lugares, ou seja, a obra florbeliana, por essas características atemporais ganha caráter de universalidade.

Florbela Espanca ocupa hoje um lugar de destaque na literatura portuguesa, sendo uma das principais figuras do modernismo em Portugal. Sua obra influenciou e continua a influenciar muitos escritores e poetas posteriores. Apesar de ter enfrentado dificuldades em vida, incluindo a rejeição e a incompreensão de seus contemporâneos, Florbela Espanca foi posteriormente reconhecida como uma poetisa de grande talento e sensibilidade.

A obra de Florbela Espanca é importante por sua contribuição à expressão poética do feminino, pela profundidade lírica e emocional de seus poemas, e pelo seu impacto duradouro na literatura portuguesa.

Em resumo, Espanca é celebrada por sua habilidade de capturar e expressar emoções complexas e profundas com uma beleza lírica notável. Sua obra permanece relevante e poderosa, continuando a tocar e inspirar leitores e escritores em todo o mundo.

4. O DESAMOR EVIDENCIADO NA POÉTICA FLORBELIANA

O tema do desamor é um elemento central e recorrente na obra de Florbela Espanca. Sua poesia explora as complexas emoções associadas ao amor não correspondido, à perda e à saudade, temas que ela aborda com uma intensidade lírica e uma profunda introspecção.

Para a poetisa, o desamor não é apenas a ausência de amor, mas uma presença ativa de dor e sofrimento. Seus poemas revelam um eu lírico que está constantemente à procura de um amor ideal, um amor que transcende a realidade cotidiana e alcance o sublime. No entanto, essa busca muitas vezes resulta em frustração e desilusão, o que intensifica a sensação de desamor. Ela explora a melancolia e o sofrimento como partes inevitáveis do amor e da vida.

A solidão é um aspecto intrínseco do desamor na obra de Espanca. Muitos de seus poemas descrevem a solidão profunda e a sensação de abandono que acompanham a falta de reciprocidade amorosa. Essa solidão não é apenas física, mas existencial, refletindo um sentimento de isolamento, mesmo quando rodeada por outras pessoas. Muitas vezes há uma presença marcante do vazio deixado pela ausência ou pela perda do amado.

Espanca estiliza a dor do desamor de maneira que transforma o sofrimento em arte. Sua habilidade em usar metáforas, imagens e simbolismos enriquece a expressão da dor e do sofrimento. Por exemplo, ela utiliza imagens da natureza para refletir estados emocionais, como o inverno para representar a frieza e a morte para simbolizar a ausência de amor.

Florbela idealiza o amor e os amantes em seus poemas, o que muitas vezes resulta em uma grande decepção quando a realidade não corresponde às suas expectativas. Essa discrepância entre o ideal e o real é uma fonte constante de dor, seus poemas são altamente introspectivos, refletindo sua luta interna e sua busca por entender e dar sentido aos seus sentimentos. Ela utiliza o desamor como uma lente para examinar sua própria identidade e suas emoções.

Um dos aspectos mais interessantes do desamor na poesia de Florbela é o paradoxo entre a dor do desamor e a beleza da expressão poética. Mesmo quando aborda temas dolorosos, sua poesia é bela e cheia de musicalidade. Esse contraste cria uma tensão poética que aumenta a profundidade emocional de seus poemas.

Em sua obra, o desamor muitas vezes se entrelaça com a morte, tanto literal quanto figurativa. A poetisa vê a morte como uma forma de escapar do sofrimento do desamor. A morte aparece não apenas como um fim físico, mas como uma metáfora para o fim de uma busca incessante e dolorosa por amor.

Esses aspectos são evidentes em muitos de seus sonetos, neles a linguagem rica e emotiva da autora captura a essência da dor e do desamor de maneira visceral e impactante. Ela é capaz de transformar suas experiências pessoais em uma expressão universal de sentimentos humanos, tocando profundamente os leitores com a sinceridade e a beleza de suas palavras.

Em resumo, o tema do desamor na obra de Florbela Espanca é multifacetado. Sua poesia captura a dor do amor não correspondido com uma sensibilidade única, transformando o sofrimento em uma experiência estética intensa. Através de seu lirismo, Espanca nos convida a explorar as profundezas do coração humano, onde o desamor é tanto uma fonte de dor quanto um catalisador para a criação poética.

A poetisa é uma das mais importantes e singulares vozes da literatura portuguesa. Sua obra, marcada por uma intensa carga emocional e lírica, é significativa por várias razões, ela é reconhecida por explorar temas ligados à condição feminina com uma profundidade inédita em sua época. Embora muitos de seus poemas sejam autobiográficos, tratando de suas próprias angústias e paixões, Florbela aborda temas universais. Isso faz com que sua obra ressoe com leitores de diversas épocas e lugares.

Florbela ocupa hoje um lugar de destaque na literatura portuguesa, sendo uma das principais figuras do modernismo em Portugal. Sua obra influenciou e continua a influenciar muitos escritores e poetas posteriores. Apesar de ter enfrentado dificuldades na vida, incluindo a rejeição e a incompreensão de seus contemporâneos, Espanca foi posteriormente reconhecida como uma poeta de grande talento e sensibilidade.

O Amor, em todas as suas formas parece ser força motriz de sua alma. Em seus sonetos encontramos uma variedade muito ampla de estados emocionais derivados do amor desde a exaltação dos sentidos até a expressão de sentimentos puros e elevados. A busca incessante do amor e a incapacidade de encontra-lo levam o eu lírico à dor, à angústia e à depressão, mas, por outro lado, também ao narcisismo, dispersão e a ânsia do absoluto.

Para António José Saraiva e Oscar Lopes, autores da obra *História da Literatura Portuguesa* (2005), Florbela Espanca é uma das mais notáveis personalidades literárias isoladas, ou seja, a poetisa desenvolveu uma obra tanto poética quanto prosaica que dificilmente se enquadra numa única corrente literária, seja uma corrente dominante no seu tempo ou anterior. E, a poetisa soube construir uma linguagem muito própria, quase uma mitologia lírica, segundo

a crítica. O que abrange a análise de sua obra em vertentes como, que a sua arte, os escritos de Espanca, literário/poética não possuem um reconhecimento explícito de enquadramento a um período literário específico que garante as características de sua escrita um rótulo literário como Machado de Assis possui na Literatura Brasileira, sendo enquadrado no Realismo (SARAIVA e LOPES, 2005).

A poesia confessional é uma tendência poética que tem o objetivo de enfatizar e valorizar as expressões da intimidade e da vida pessoal do poeta. O confessionalismo trata de algumas temáticas específicas como doenças, medo da morte, sexualidade, depressão, introspecção do sujeito. Florbela contemplou sua poesia com essa abordagem de escrita o que a fez ser uma das precursoras dessa tendência, visto que os poetas norte-americanos só foram se manifestar através deste, que é considerado um gênero poético, nos anos 50 e 60, ou seja, aproximadamente vinte anos após sua morte.

4.1 O viés do desamor revelado pela tristeza que atravessa o *Livro de Mágoas*

No *Livro de Mágoas*, primeira obra publicada por Florbela, em 1919, já podemos observar uma reflexão sobre a condição feminina, expressando uma contínua busca de identidade que, no entanto, revela-se infrutífera. Tais sonetos revelam um ser que se debate com sua condição feminina, sem alcançar o poder de expressar objetivamente o que sente. Essa aparente fragilidade, sintoma da crise de identidade do eu lírico, revela a força poética de Florbela.

Vale ressaltar que o soneto é uma das mais bem acabadas espécies literárias e foi a eleita pela poetisa como sua forma poética prioritária, embora Florbela tenha escrito poemas em outros formatos, como é o caso dos contidos em *Trocando olhares*, livro escrito entre 1915 e 1917.

A seguir será feita a análise de alguns poemas contidos no *Livro de Mágoas*, *corpus* do presente trabalho, a fim de que fique evidenciado como o desamor é expresso nos poemas em comento.

Desejos Vãos

Eu queria ser o Mar de altivo porte

Que ri e canta, a vastidão imensa! Eu
queria ser a pedra que não pensa, A
pedra do caminho, rude e forte!

Eu queria ser o sol, a luz intensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu queria ser a árvore tosca e densa Que
ri do mundo vão e até da morte!

Mas o mar também chora de tristeza...
As árvores também, por vezes, sonham...
E as rochas vão-se extinguindo à luz do sol...

E quem me dá a força, a paz, a reza, A
árvore, o rochedo, o mar que enjoam?
...E a luz do sol, onde se apaga o sol?...

O poema “Desejos Vãos” é um soneto composto por 14 versos, divididos em dois quartetos e dois tercetos. A métrica utilizada é decassilábica, conferindo ao poema uma musicalidade fluida. As rimas seguem um esquema ABBA ABBA nos quartetos, enquanto os tercetos seguem CDC CDC.

O eu lírico expressa um desejo profundo de se transformar em elementos da natureza ou objetos que representam força, resistência e indiferença às emoções humanas. Este desejo de evasão reflete a insatisfação com a condição humana e a busca por uma existência menos dolorosa.

O poema explora a tensão entre o ideal desejado e a realidade imperfeita. Embora o eu lírico deseje ser elementos inanimados ou grandiosos da natureza, reconhece que até esses elementos têm suas próprias formas de sofrimento e limitação.

Florbela Espanca reflete sobre a fragilidade humana e a busca incessante por paz e força. O poema questiona a possibilidade de encontrar uma existência isenta de dor e sofrimento.

Eu queria ser o Mar de altivo porte
Que ri e canta, a vastidão imensa! Eu
queria ser a pedra que não pensa, A
pedra do caminho, rude e forte!

Neste quarteto, o eu lírico expressa o desejo de ser o mar, símbolo de grandiosidade e liberdade, ou a pedra, símbolo de insensibilidade e força. A antítese entre o mar, que “ri e canta”, e a pedra, que “não pensa”, destaca a ambivalência do desejo de transformação.

Eu queria ser o sol, a luz intensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu queria ser a árvore tosca e densa
Que ri do mundo vão e até da morte!”

Aqui, o desejo é ser o sol, fonte de vida e luz, ou uma árvore robusta, indiferente ao mundo e à morte. Estes desejos refletem a busca por uma existência luminosa e indiferente aos sofrimentos mundanos.

Mas o mar também chora de tristeza...
As árvores também, por vezes, sonham...
E as rochas vão-se extinguindo à luz do sol...

Neste terceto, o eu lírico reconhece que mesmo os elementos desejados têm suas limitações e formas de sofrimento. O mar chora, as árvores sonham, e as rochas se desgastam, indicando que não há escapatória total do sofrimento.

E quem me dá a força, a paz, a reza, A
árvore, o rochedo, o mar que enjoam?
...E a luz do sol, onde se apaga o sol?...

O poema culmina em perguntas retóricas que refletem a frustração e a busca contínua por respostas. Quem pode oferecer força e paz se até os elementos desejados falham em proporcionar uma existência isenta de dor? A referência ao sol que se apaga sugere a inevitabilidade da finitude e a transitoriedade de todas as coisas.

Desejos Vãos é um soneto que encapsula a angústia existencial e o desejo de evasão característicos da obra de Florbela. O poema utiliza elementos da natureza para explorar a insatisfação com a condição humana e a busca por uma existência mais simples e menos dolorosa. Através de uma estrutura clássica e uma linguagem rica em imagens e metáforas,

Florbela consegue transmitir a profundidade de seus sentimentos e a complexidade de seus pensamentos sobre a vida, a força e a fragilidade humana

Vaidade

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe, Que
tem a inspiração pura e perfeita, Que
reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade...
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou alguém cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo, Aos
pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu me aprofundo,
E quando mais no céu eu sei o mundo,
Acordo do meu sonho... E não sou nada!...

A métrica é decassilábica, comum na obra de Espanca, conferindo musicalidade e ritmo ao poema. As rimas são ABAB nos quartetos e CCD EED nos tercetos.

O título “Vaidade” aponta para o tema central do poema, o orgulho e a pretensão de ser uma grande poetisa. Florbela explora a vaidade como uma força que eleva o eu lírico a alturas de grandiosidade, apenas para culminar em uma desilusão amarga.

O poema contrasta o sonho de grandeza e realização com a realidade da insignificância e da frustração. A poetisa sonha ser uma figura exaltada, apenas para acordar e perceber que seus sonhos não se concretizam na vida real. Nos quartetos, o eu lírico expressa o sonho de ser a poetisa perfeita, aquela que possui uma inspiração pura e que pode capturar a imensidão do universo em seus versos. Este sonho é marcado por uma confiança elevada, quase divina, nas suas capacidades poéticas.

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe, Que
tem a inspiração pura e perfeita, Que
reúne num verso a imensidade!

Aqui, a poetisa se imagina escolhida por uma força superior, uma figura de sabedoria e perfeição. A utilização de “eleita” sugere um destino ou um privilégio especial, e “tudo sabe” indica uma abrangência de conhecimento total.

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de
saudade...
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Neste quarteto, a poetisa imagina que seus versos possuem uma luz capaz de iluminar o mundo, trazendo alegria até para os mais tristes e insatisfeitos. A claridade dos versos é uma metáfora para a verdade e a beleza que eles supostamente contêm.

Nos tercetos, a poetisa começa a transição do sonho para a realidade, culminando na revelação de que esses sonhos são ilusórios.

Sonho que sou alguém cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a terra anda curvada!

Aqui, a poetisa eleva-se a uma posição de supremacia, imaginando-se uma figura de tal conhecimento e influência que até a terra se curva diante dela. Esta imagem reforça a grandiosidade de seu sonho.

E quando mais no céu eu me aprofundo,
E quando mais no céu eu sei o mundo,
Acordo do meu sonho... E não sou nada!...

A transição final revela a desilusão. Quanto mais ela se eleva em seus sonhos, mais dolorosa é a queda ao acordar para a realidade. A repetição de “E quando mais no céu” enfatiza a intensidade do sonho, que só torna a desilusão mais amarga. O poema termina com a

realização da sua própria insignificância (“E não sou nada!”), em um contraste marcante com a grandiosidade imaginada.

Vaidade é um soneto que encapsula a luta entre os sonhos de grandeza e a realidade desiludida. Florbela Espanca utiliza a forma clássica do soneto para explorar temas profundos de aspiração, orgulho e autoconhecimento, criando um poema que é ao mesmo tempo belo e profundamente melancólico. A vaidade, no contexto do poema, não é apenas uma falha, mas uma condição humana que leva tanto à criação artística quanto à dor existencial.

Já o poema intitulado *Eu*, é um dos mais emblemáticos da poetisa, reflete muitos dos temas e preocupações centrais da obra de Florbela, incluindo a introspecção, a dor existencial, e a busca por identidade e compreensão.

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte Sou
a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida, E
que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Eu é composto por versos decassílabos e possui um esquema de rima ABBA ACCA DDE FFG.

O poema aborda profundamente a solidão existencial do eu lírico, a sensação de não ser compreendida e de estar isolada, apesar de viver em um mundo povoado. A imagem da crucificação e a referência à dor constante são indicativas de uma visão de si mesma como alguém que sofre por um propósito maior ou como um sacrifício.

A repetição de “eu sou” indica uma busca incessante por definir a própria identidade, mas esta definição é marcada por características negativas e experiências dolorosas. A conexão com o sonho e a ideia de ser uma visão sonhada por alguém acentuam o elemento de fantasia e a desconexão com a realidade tangível. A poetisa sente que passa despercebida e que sua verdadeira essência não é reconhecida ou valorizada pelos outros.

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte Sou
a crucificada... a dolorida...

O poema começa com o eu lírico declarando a sua sensação de estar perdida no mundo, sem um sentido claro de direção (“não tem norte”). A referência a ser “a irmã do Sonho” sugere uma conexão íntima com o mundo dos sonhos, da fantasia, o que também pode indicar um afastamento da realidade tangível. O uso de palavras como “crucificada” e “dolorida” sublinha uma intensa sensação de sofrimento e sacrifício.

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Neste trecho, o sujeito poético se descreve como uma “sombra de névoa”, algo insubstancial e efêmero, que é impulsionado por um destino amargo em direção à morte. A alma dela está “de luto”, sugerindo um estado de constante tristeza e incompreensão, refletindo uma sensação de isolamento emocional e espiritual.

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Aqui, o sujeito lírico reforça o seu sentimento de invisibilidade e desconexão. Ela é “aquela que passa e ninguém vê”, sentindo-se ignorada ou desconhecida. Embora seja percebida como triste, ela nega essa tristeza aparente, ou pelo menos não a entende completamente, o que revela uma complexidade emocional e psicológica profunda. Ela chora sem saber a razão, o que pode indicar uma dor interna e inexplicável.

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

Finalmente, o eu poético sugere que ela é talvez uma visão sonhada por alguém — uma entidade que veio ao mundo para encontrá-la, mas nunca conseguiu. Isso pode ser interpretado como uma busca eterna por conexão e compreensão que nunca é realizada, acentuando o sentimento de solidão e alienação.

Dizeres Íntimos

É tão triste morrer na minha idade!
E vou ver os meus olhos, penitentes
Vestidinhos de roxo, como crentes Do
soturno convento da Saudade!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)
As minhas mãos esguias, languescentes,
De brancos dedos, uns bebês doentes
Que hão de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso,
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...”
Responde a minha Dor: “Que linda a cova!”

O poema possui uma estrutura clássica de soneto, os versos são decassílabos, ou seja, cada verso tem dez sílabas poéticas. O tema central do poema é a tristeza profunda e a reflexão sobre a morte em plena juventude. A poetisa expressa um sentimento de perda e resignação

perante a vida, contrapondo a vitalidade e a esperança típicas da juventude com a ideia da morte iminente e a dor constante.

É tão triste morrer na minha idade!
E vou ver os meus olhos, penitentes
Vestidinhos de roxo, como crentes Do
soturno convento da Saudade!

A primeira estrofe estabelece o tom melancólico do poema, com a declaração de que é triste morrer jovem. Os olhos “penitentes” vestidos de roxo remetem ao luto e à penitência, associando a juventude à tristeza e à saudade.

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)
As minhas mãos esguias, languescentes,
De brancos dedos, uns bebês doentes
Que hão de morrer em plena mocidade!

Na segunda estrofe, o eu lírico visualiza suas próprias mãos, descritas como “esguias” e “languescentes”, ou seja, frágeis e desfalecidas. Os dedos são comparados a “bebês doentes”, intensificando a imagem da juventude perdida e a fragilidade da vida.

E ser-se novo é ter-se o Paraíso,
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,
Aonde tudo é luz e graça e riso!

O primeiro terceto contrasta a juventude idealizada com a realidade dolorosa do sujeito que fala no poema. A juventude é descrita como um “Paraíso”, com uma “estrada larga, ao sol, florida”, onde tudo é alegria e beleza. Esta visão idealizada intensifica o sentimento de perda.

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...”
Responde a minha Dor: “Que linda a cova!”

No último terceto, o eu lírico reflete sobre sua própria idade, 23 anos, ressaltando como é jovem. A juventude é personificada, dizendo “Que linda a vida!”, enquanto a dor responde

“Que linda a cova!”, contrastando a esperança da juventude com a desesperança da dor e da morte.

Florbela utiliza o soneto para explorar a dualidade entre a vitalidade e a morte, a alegria e a dor, revelando a complexidade dos sentimentos humanos e a inevitabilidade do fim. A sua linguagem rica e evocativa, repleta de metáforas e antíteses, torna o poema uma poderosa expressão da condição humana.

Castelã da tristeza

Altiva e couraçada de desdém, Vivo
sozinha em meu castelo: a Dor! Passa
por ele a luz de todo o amor... E nunca
em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...
– E o meu olhar é interrogador –
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, por que choras
Lendo, toda de branco, um livro de horas,
À sombra rendilhada dos vitrais?...

À noite, debruçada pelas ameias,
Por que rezas baixinho?... Por que anseias?...
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

O esquema de rima do soneto acima transcrito e que passamos a analisar obedece a ordem ABBA ABBA CCD EED. O soneto segue a estrutura clássica, com versos decassílabos e rimas bem construídas, criando uma harmonia típica dos sonetos tradicionais.

O poema retrata a imagem de uma mulher altiva, protegida por uma couraça de desdém, vivendo sozinha em um castelo metafórico chamado “Dor”. A personagem é a “Castelã da Tristeza”, uma figura que vive em isolamento, observando o mundo à distância e mergulhada em uma tristeza profunda e constante. A solidão, a tristeza e a busca por um sonho ou esperança são temas centrais.

Alta e couraçada de desdém, Vivo
sozinha em meu castelo: a Dor!
Passa por ele a luz de todo o amor...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

A primeira estrofe apresenta a imagem do sujeito lírico, marcadamente feminino, como o é a maioria do eu lírico presente na poesia de Espanca como uma figura ativa e protegida por uma couraça de desdém. Ela vive sozinha em um castelo metafórico, chamado “Dor”, onde a luz do amor passa mas nunca entra. Esta imagem ressalta o isolamento e a inacessibilidade emocional da personagem.

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...
– E o meu olhar é interrogador –
Perscruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Na segunda estrofe, a voz que fala se refere a si mesma como a “Castelã da Tristeza”. Ela observa o horizonte com um olhar interrogador, buscando algo ou alguém no crepúsculo, mas encontra apenas o silêncio e a ausência. A solidão é intensificada pela falta de resposta e pela imagem das sombras do pôr do sol.

Castelã da Tristeza, por que choras
Lendo, toda de branco, um livro de horas,
À sombra rendilhada dos vitrais?...

A terceira estrofe questiona a razão das lágrimas da “Castelã da Tristeza”, que lê um livro de horas, vestida de branco, simbolizando pureza ou luto, à sombra dos vitrais intrincados. Esta cena sugere um momento de introspecção e devoção, mas também de profunda tristeza e busca por consolo espiritual.

À noite, debruçada pelas ameias,
Por que rezas baixinho?... Por que anseias?...
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

O final apresenta o eu lírico rezando à noite, debruçada pelas ameias do castelo. Os versos questionam os seus anseios e os sonhos que afaga com suas mãos reais, sugerindo um desejo profundo e inatingível que a mantém em constante vigília e oração.

O poema é uma reflexão profunda sobre a solidão e a dor, personificadas na figura da “Castelã da Tristeza”. Através de imagens vívidas e uma linguagem introspectiva, Florbela Espanca captura a essência do isolamento emocional e a busca por algo inalcançável. A combinação de metáforas, personificação e interrogações retóricas cria uma atmosfera de melancolia e contemplação, característica da obra da poetisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foi possível explorar a profundidade e a complexidade do tema do desamor na obra “Livro de Mágoas” de Florbela Espanca. A poetisa, através de sua linguagem rica e emocionalmente carregada, constrói um universo literário onde o desamor não é apenas uma experiência de dor e perda, mas também um processo de autoconhecimento e introspecção.

Florbela Espanca utiliza o desamor como uma lente para examinar as relações humanas, revelando as nuances das emoções femininas em uma época marcada por rígidas convenções sociais. Seu tratamento do tema é ao mesmo tempo pessoal e universal, permitindo que leitores de diferentes épocas e contextos se identifiquem com sua experiência de sofrimento e busca por sentido.

A análise dos poemas do “Livro de Mágoas” mostrou que o desamor, para Florbela, vai além da mera ausência de amor; ele se manifesta como uma força que molda e redefine a identidade do eu lírico. A poetisa capta a intensidade da dor emocional, transformando-a em arte e encontrando beleza na tristeza. Essa abordagem confere à sua poesia um caráter singular, onde o sofrimento é sublimado em versos de extraordinária beleza e profundidade.

Além disso, Florbela Espanca rompe com os paradigmas literários de sua época, oferecendo uma perspectiva única e autêntica sobre o amor e o desamor. Sua obra desafia as

normas e expectativas impostas às mulheres, apresentando uma voz poética que reivindica a expressão plena de suas emoções e experiências.

Em suma, *Livro de Mágoas* é uma obra que continua a ressoar pela sua autenticidade e intensidade emocional. O desamor, na poesia de Florbela Espanca, é um tema central que revela a vulnerabilidade e a força do ser humano. Através de sua exploração poética, Florbela nos convida a refletir sobre nossas próprias experiências de amor e perda, e sobre a capacidade da arte de transformar a dor em beleza duradoura.

Embora a beleza e a força da poesia de Florbela tenham sido reconhecidas tardiamente, tal reconhecimento era inevitável, pois é, incontestavelmente, de uma grandeza ímpar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Cláudia Pazos. **Imagens do eu na poesia de Florbela Espanca**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997.

BESSA, Luis Agustina. **Florbela Espanca**. Lisboa: Guimarães, 1976.

DAL FARRA, Maria Lúcia. A dor de existir em Florbela Espanca. In Veredas: Revista da associação internacional de lusitanistas. Vol. 1. Porto, dezembro de 1998.

DALL FARRA, Maria Lúcia. Poesia de mulher em língua portuguesa. In: **Abrindo caminhos - Homenagem a Maria Aparecida Santilli**, Coleção Via Atlântica, nº 2. São Paulo: Gráfica Vida e Consciência, 2002.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Estudo introdutório. In: ESPANCA, Florbela. **Poemas de Florbela Espanca**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ESPANCA, Florbela, 1894 - 1930. **Antologia poética de Florbela Espanca**. São paulo: Martin Claret, 2015. (Edição especial).

JUNQUEIRA, Renata Soares. **Florbela Espanca: uma estética da teatralidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MAGALHÃES, Clêuma de Carvalho. **Novos olhares sobre a obra de Florbela Espanca**. Odisséia, Natal, RN, n. 12, p. 1 – 13, Jan – Jun, 2014.

OSAKABE, Haquira. Prefácio. In: JUNQUEIRA, Renata Soares. **Florbela Espanca: Uma estética da teatralidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

RÉGIO, José. A “**poesia viva**” de **Florbela Espanca**. RTP Ensina, 2011. Disponível em: <<https://ensina.rtp.pt/artigo/florbela-espanca-1894-1930/>>. Acesso em: 26/09/2023.

RÉGIO, José. Sobre o caso e a arte de Florbela Espanca. In: ESPANCA, **Florbela**. **Sonetos completos**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SENA, Jorge de. Florbela Espanca ou a expressão do feminino na poesia portuguesa. In: Da poesia portuguesa. Lisboa: Ática, 1946.

SILVA, Fábio Mário da. Da metacrítica à psicanálise: a angústia do “Eu” lírico na poesia de Florbela Espanca. João Pessoa: Ideia, 2009.

SARAIVA, Antônio J. LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17°. Ed. Porto: Porto Editora, 1996.

